

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

As pesquisas de Friedrich Zollner com o médium Henry Slade

Mediunidade de efeitos físicos

Extraídos da Obra
Friedrich Zollner - Provas Científicas da Sobrevivência

Capítulo II

Experiências de magnetismo. – Fenômenos físicos. – Experiências de escrita sobre uma lousa.

Os fatos observados pelo Sr. Wallace e outros cavalheiros de nacionalidade inglesa, em presença do Sr. Slade, posso afirmar serem verdadeiros, baseados em uma investigação que durou mais de oito dias, procedida por mim em minha própria casa e em companhia do mesmo Sr. Slade. Como testemunha dos fenômenos, que passarei a relatar detalhadamente, acho-me amplamente autorizado a citar os nomes dos meus amigos os professores W. Weber, Fechner e W. Scheibner.

As 5 horas da tarde do dia 15 de novembro de 1877, chegou Slade pela primeira vez a Leipzig e se hospedou no hotel da Palmeira, recomendado por dois amigos meus e a cujo convite ele veio de Berlim.

Apesar de não ser estranho à literatura espírita, eu até agora me abstivera de ocupar-me pessoalmente dos seus fenômenos, porque em primeiro lugar achava estarem as investigações sendo estudadas por homens competentíssimos como Crookes e Wallace e em segundo lugar por achar-se o meu tempo inteiramente tomado pelos meus estudos de Física. Não obstante estas razões, não havia motivo para recusar o convite de amigos meus, ao mesmo tempo perdendo tão boa ocasião, como a atual, de observar o Sr. Slade.

Por conseguinte, acompanhei os meus dois amigos numa visita àquele senhor na tarde da sua chegada, sem a mínima intenção de tomar parte, naquela ocasião, em uma sessão e muito menos provocar a sua realização. Slade tinha vindo só a Leipzig. Ele deixara a sua sobrinha (filha da irmã da sua falecida mulher), sua filha e o seu secretário, pessoas estas que o acompanhavam nas suas viagens em Berlim, no hotel Kronprinz, sendo para mim, portanto, desconhecidas.

O Sr. Slade causou-me favorável impressão. O seu porte era modesto e reservado, a sua conversa calma e discreta. Só falava o inglês. A nossa conversa bem depressa versou acerca da acusação de Donkester e os seus modos e linguagem revelaram grande indignação pelo modo como procederam com ele na Inglaterra. Para mudar de assunto, perguntei-lhe se algum dia havia experimentado a sua influência sobre uma agulha magnética, pois me recordo que Fechner observara o fenômeno juntamente com Erdmann, falecido professor de Física na Universidade de Leipzig, com uma certa senhora Ruf, uma sensitiva que pelo Sr. Reichenbach fora apresentada àqueles senhores.

A fim de dar aqui aos meus leitores o interessante resultado dessa investigação, transcrevo um trecho de um pequeno panfleto de Fechner: Recordações dos Últimos Dias da Ciência do Od e os seus Autores, publicado há dois anos (Leipzig, Breckkopf Hürthel, 1876) sob o cabeçalho:

Experiências com a Sra. Ruf

“Experiências magnéticas com uma sensitiva, por Fechner.

Sábado, 4 de julho de 1867. Hoje cedo fui surpreendido por uma visita do Sr. von Reichenbach. Apesar das minhas reiteradas recusas, por carta, de acompanhá-lo nas suas experiências, e isso depois de convencer-me da

inutilidade dos meus esforços, a fim de receber dos meus colegas essa incumbência, e das experiências do pendulum terem dado em nada, ele me disse que viera do mesmo modo e até que trouxera uma sensitiva consigo, a fim de submeter as suas experiências à minha apreciação, sem todavia exigir de mim compromisso do meu público testemunho, naturalmente certo de que depois de convencido eu absolutamente não me recusaria a confirmar o que visse.

Recebi-o muito friamente, explicando-lhe ainda que desejava abster-me de tomar parte nas suas experiências, mesmo porque proveito algum lhe poderia advir disso; porém, como insistisse, fui em sua companhia para o hotel, onde ele me apresentou a sua sensitiva: uma mulher alta, porém algum tanto magra, de 45 a 50 anos, que talvez em certo tempo tivesse sido bonita.

Vi uma mesa arrumada com todos os preparativos necessários: ímãs, enxofre, tubos metálicos, etc.. A sensitiva declarou-me que não se sentia bem e que a sua sensibilidade não se achava em pleno desenvolvimento.

Uma experiência dirigida pelo próprio Reichenbach, naquela ocasião, surpreendeu-me. Uma bússola comum com a competente agulha de algumas polegadas de comprimento foi colocada na mesa. Ele fez a sensitiva mover o dedo de um lado para o outro em frente a um dos pólos (não sobre o vidro, porém em frente à caixa) e no mesmo instante a agulha começou a oscilar, como se um pedaço de ferro estivesse sendo passado ante o mesmo pólo.

Essas oscilações eram bem perceptíveis e a experiência continuava, mesmo não estando Reichenbach perto da mesa e pela aproximação e afastamento do dedo em relação ao pólo. Fazendo eu a experiência, a bússola conservou-se imóvel. Reichenbach disse nesse dia ter-se o fenômeno produzido fracamente. Às vezes a sensitiva movia a agulha completamente à roda. Passei um exame em toda a extensão do dedo sob as unhas, fiz com que a sensitiva descobrisse o braço até o cotovelo, a fim de ver se constatava qualquer punção que denunciasse a introdução de qualquer agulha ou pedaço de ferro sob a pele, porém em vão. Tencionei, não obstante isto, fazer um reexame.

Julho, 13. Desde a nossa última experiência, a sensitiva caiu em tal estado de insensibilidade, que Reichenbach, conforme ele mesmo me escreveu,

pôde espetar-lhe agulhas nos membros sem que ela acusasse dor. Hoje cedo ele procurou-me e comunicou-me que a sensitiva ainda não se achava suficientemente restabelecida para a repetição da experiência com uma ferradura, ferro magnético ou pêndulo, porém que houvera recuperado a faculdade de desviar a agulha magnética, e me pedia que continuasse imediatamente com a experiência, pois não podia garantir por quanto tempo essas condições se prolongariam. Por isso o acompanhei. As experiências magnéticas, às quais me restringi, foram tão completas, que confesso não pude fazer um juízo seguro das minhas impressões, não obstante ter prevenido a possibilidade de qualquer embuste.

Nas experiências precedentes a sensitiva sentava-se em frente à agulha; desta vez fi-la sentar-se do lado. Se a sensitiva tivesse tido debaixo das vestes um ímã, ardil que poderia ter empregado e que me foi insinuado por pessoa altamente colocada, esta nova posição da sensitiva o denunciaria imediatamente, tornando irregular a marcha do fenômeno, mas esse fato não se dava, oscilando a agulha somente quando a sensitiva lhe apontava com o dedo. Depois desta prova tal suspeita seria irracional. Durante as experiências procurei notar se a agulha denotava atração ou repulsão e o que apreendi foi que qualquer parte das mãos ou dos braços aproximada do pólo norte da agulha a atraía e ao pólo sul a repelia, notando-se que o braço esquerdo tinha atuação mais forte.

Esta circunstância provocou admiração a Reichenbach, que durante as experiências se conservou a tal distância da bússola, que de modo algum podia tornar-se suspeito. Quanto à sensitiva, não notei nela o menor movimento que me autorizasse a suspeitar que sob as vestes tivesse escondido algum ímã, pois se assim fosse forçosamente a agulha acompanharia os movimentos do corpo e, estacionando este, estacionaria a agulha. Em virtude, pois, das minhas recomendações, movia ela somente o dedo e a agulha sempre obedecia a esse movimento. E além disso ninguém suporá que a sensitiva espetasse agulhas em todos os seus dedos.

Julho, 14. Esta manhã, às 11:30 horas, repeti a experiência em companhia do professor Erdmann, que afinal aceitou ao meu convite. O resultado foi idêntico aos precedentes. As nossas precauções foram as mais severas.

Perguntei à sensitiva se sobre o seu corpo não tinha algum objeto de ferro

e ela me respondeu negativamente, não nos lembrando nós então da sua crinolina.ⁱ Hoje no entanto ela, de moto próprio, se lembrou que tinha consigo a sua crinolina da qual se desembaraçou imediatamente, correndo então a experiência com a mesma exatidão dos dias precedentes. Além disso, Reichenbach nos declarou que a sensitiva se prontificava a submeter-se a uma experiência perante uma comissão de senhoras, despida das suas vestes.

P. S.: No dia seguinte a mulher achava-se tão adoentada, que Reichenbach se viu obrigado a dispensá-la, não se tendo ela restabelecido suficientemente para continuarmos as experiências. Recomendei-lhe que caso recuperasse a saúde e o poder magnético, se apresentasse a algum físico ou fisiologista profissional, a fim de submeter-se a algumas experiências, tornando-se assim uma pessoa célebre. Nunca mais ouvi falar nela.

Os resultados magnéticos obtidos com a Sra. Ruf são tão notáveis, que na impossibilidade até então da reprodução com outra pessoa, a dúvida sobre a sua veracidade deve ser admitida. Não haveria verdadeiramente decepção nessas investigações? Que Reichenbach era incapaz de qualquer decepção voluntária, todos que o conhecem de perto o admitem. Mesmo pela leitura dos seus escritos se vê que ele se achava extremamente impressionado com os fenômenos de tal maneira que excluía a possibilidade de qualquer artifício em apoio da sua convicção. A própria sensitiva excluía de si toda a possibilidade de embuste, o que se pode inferir da persuasão em que ela se achava de ser um mero instrumento nas mãos de Reichenbach. Porém, mesmo admitindo-se em qualquer dos dois a intenção de enganar, duvido muito que essa decepção pudesse resistir às precauções e à diversidade do modus operandi a que foram as experiências submetidas. Fossem as experiências continuadas, não duvido que outras precauções nos ocorressem, porém eu por mim me confesso convencido. Podem pensar ser alucinação da minha parte e de fato fiz por muitas vezes a mim mesmo essa pergunta; porém, o professor Erdmann, a quem depois do seu passamento não posso invocar como testemunha, se sentiu também convencido.”

Os fatos acima mencionados, testemunhados por duas pessoas que me merecem toda a fé (os professores Fechner e Erdmann), que provam a

influência desenvolvida por uma criatura humana sobre uma bússola, são tão notáveis e se acham de tal maneira fora do campo de experiências até hoje efetuadas, que oferecem o mais elevado interesse aos verdadeiros investigadores dos fenômenos da Natureza, convidando-os a procederem a novas investigações com outros indivíduos, a fim de buscarem a confirmação dos fatos. Indaguei conseguintemente o Sr. Slade se ele alguma vez havia tentado desenvolver essa classe de fenômenos. Respondeu-me que no domingo último, 11 de novembro de 1877, tinha sido submetido à experiência por um professor de Berlim, de cujo nome não se recordava e que na ocasião a faculdade, que ele ignorava possuir, se havia manifestado. A notícia despertou-me o desejo de imediatamente tentar a experiência.

Contava eu com Fechner e Weber na noite seguinte (sexta-feira, 16 de dezembro) em uma pequena reunião que eu oferecia semanalmente a amigos meus e para a qual tinha convidado Slade. Expus a este que ficaríamos satisfeitos, mesmo que só conseguíssemos o desvio da agulha, porém em condições tais que por completo convencesse a todos os assistentes.

Slade prontificou-se imediatamente a acompanhar-me à minha casa com as testemunhas que eu escolhesse. Chegados que foram, trouxe uma esfera celeste que tinha na sua base uma bússola. A nosso convite, Slade passou a mão horizontalmente sobre o vidro que cobre a caixa que encerra a bússola. A agulha conservou-se imóvel. Daí concluí que Slade não trazia consigo imã algum escondido em si. Em uma segunda tentativa, imediatamente feita, a agulha foi agitada de tal modo, que revelava a presença de grande força magnética. A observação decidiu o meu juízo a respeito do caso. Achava-me em presença de um fato que confirmava as observações de Fechner e digno de futuras investigações.

Uma sessão se realizou imediatamente, tomando parte nela os professores Weber, Scheibner e eu. Enquanto procedíamos a experiências idênticas às já mencionadas, repentinamente foi ouvido um estampido igual ao da descarga de uma grande bateria de Leyden. Virando-nos, com algum susto, vi a queda do reposteiro com a sua galeria partida em dois pedaços. Os fortes parafusos de madeira, de meia polegada de espessura, foram arrancados de cima e de baixo, sem contacto algum de Slade. As partes

rompidas estavam à distância de dois metros de Slade, que lhes dava as costas.

Achando-se a cortina completamente destacada e estando as fibras da madeira paralela aos eixos dos argolões, também de madeira, a ação da ruptura repentina só poderia ocorrer por uma força atuando longitudinalmente. Esta manifestação de força mecânica, tão violenta quanto inesperada, nos causou muita admiração e perguntamos a Slade o que significava. Ele contentou-se em responder-nos com um movimento de ombros, dizendo que algumas vezes, embora raramente, os fenômenos se reproduziam em sua presença. Enquanto falava, e ainda de pé, colocou um pedaço de lápis sobre a mesa e o cobriu com a pedra, conservando a mão esquerda sobre ela. O ruído da escrita, na parte interna da pedra, se fez ouvir e quando Slade a virou, a seguinte frase achava-se escrita em inglês: Perdoem-nos o que se deu, não era intenção nossa causar danos. Nós nos admiramos ainda mais de haver-se reproduzido a escrita sob estas condições, pois observamos com bastante atenção que as mãos de Slade se conservavam completamente imóveis enquanto se produziam os escritos.

Na noite seguinte (sexta-feira, 16 de novembro de 1877), coloquei uma pequena mesa de jogar com quatro cadeiras em um aposento em que o Sr. Slade pela primeira vez entrava. Depois de Fechner, o professor Braune, Slade e eu nos termos sentado e colocado sobre a mesa as nossas mãos, tocando-se, ouvimos pancadas. Duas horas antes comprara eu uma ardósia nova e a marcara. Nela começou a escrita do modo usual. O meu canivete, que tinha emprestado a Slade, para cortar um pedaço de lápis, foi colocado sobre a ardósia e enquanto Slade colocava esta, parcialmente, sob a aba da mesa, o canivete foi repentinamente jogado à altura de um pé, caindo sobre a mesa, porém aberto. A experiência se repetiu por diversas vezes com o mesmo resultado. Para provar que o canivete não tinha sido projetado por movimento algum seu, Slade colocou sobre a pedra um pedaço de lápis e para marcar-lhe o lugar traçou uma pequena cruz. Imediatamente após a projeção do canivete, Slade mostrou-nos a pedra e lá se achava o pedaço de lápis sobre a cruz que lhe servia de marca.

Um pedaço de lápis foi colocado entre as duas folhas de uma pedra bem

limpa de fechar. Slade segurou a pedra sobre a cabeça do professor Braune. O rumor do lápis na ardósia bem depressa se fez ouvir e quando a pedra foi aberta uma longa comunicação se achou nela. Enquanto se desenvolvia o fenômeno, uma cama que se achava por detrás de um reposteiro repentinamente se afastou da parede cerca de meio metro, puxando a cortina para fora.

Slade achava-se de costas para a cama e a mais de dois metros de distância. O fenômeno nos pareceu tão extraordinário, que W. Weber e eu resolvemos oferecer a alguns dos nossos colegas a oportunidade de o verificarem. Para esse fim dirigimo-nos no dia seguinte ao professor C. Ludwig e o informamos dos fatos. O interesse que ele manifestou pelo assunto me animou a convidar dois outros amigos a virem no dia seguinte (domingo, 18 de novembro) à nossa casa e julgarem por si. Propus isso aos meus colegas os Srs. Geheimrath Thiersch, cirurgião, e Wundt, professor de Filosofia, com cuja escolha o Sr. Ludwig concordou.

No dia 18 de novembro, domingo, às 3 horas da tarde, esses cavalheiros se encontraram em minha casa. Eu na véspera comprara uma mesa de nogueira em casa de um marceneiro de nome I. G. Ritter e a colocara em lugar da mesa da nossa última sessão.

As pedras de escrever, singelas e de fechar, que colocamos à disposição de Slade, foram por nós compradas e marcadas. Estiveram presentes à sessão unicamente os Srs. Geheimrath Thiersch, C. C. Ludwig e o professor Wundt. Depois de uma sessão de meia hora, deixaram o gabinete. Dos fenômenos por eles observados, só mencionarei o que me foi relatado pelo Sr. Thiersch: uma experiência idêntica à que se deu com o meu canivete e ainda a seguinte: nas folhas de pedra de fechar que Slade segurava com a mão direita, em cima da mesa e à vista de todos, três frases foram escritas em inglês, francês e alemão, cada uma com letra diferente. A pedra acha-se em meu poder e oferece ocasião para verificar-se se houve preparação prévia.

Deve-se ter em mente que os fatos aqui relatados de modo algum pressupõem terem os meus colegas formado idéia da causa dos fenômenos. Estou plenamente de acordo com a opinião do prestidigitador da corte imperial, o Sr. Bellachini, que diz:

“Declaro ser um ato de temeridade querer tirar conclusão definitiva dos

fenômenos de mediunidade do americano Sr. Slade em uma única sessão (Apêndice B).”

Slade nesta mesma tarde voltou para Berlim. Tudo quanto observamos em sua presença nos pareceu tão interessante e digno de investigações futuras, que aceitamos com efusão a oferta do meu amigo o Sr. Oskar von Hoffmann de convidar Slade a fim de demorar-se por mais tempo em Leipzig como seu hóspede, resguardando-o da curiosidade pública e conservando-o inteiramente à nossa disposição para as investigações científicas. Slade veio pela segunda vez a Leipzig na segunda-feira, 10 de dezembro de 1877, e se hospedou em casa do meu amigo. Na manhã seguinte, às 11:30, veio à minha casa. Coloquei a já mencionada mesa de jogar num gabinete que tinha quatro grandes janelas. Os professores W. Weber e Scheibner, Slade e eu nos sentamos imediatamente em volta da mesa, que se achava no meio do aposento.

Weber ficou em frente a mim, Scheibner à minha esquerda e Slade à minha direita. As nossas mãos se achavam sobre a mesa e em contacto. Sem que pessoa alguma esperasse, uma grande campainha, que tinha sido colocada sob a mesa, começou a tocar e foi levantada com grande rapidez diante de nós numa distância de dez pés horizontalmente sobre o soalho. Por algum tempo durante o qual fenômenos já descritos se reproduziram, uma mesinha fixa no portal sobre um gonzo se moveu com tamanha impetuosidade que atirou uma cadeira ao chão com grande ruído. Esses objetos se achavam atrás de Slade à distância de cinco pés. Ao mesmo tempo e a igual distância uma pesada estante, cheia de livros, foi sacudida com violência. Uma pequena caixa de termômetro, feita de papel, desapareceu, o que foi verificado quando Slade mostrou a pedra depois de retirá-la debaixo da mesa.

Aqui e no que se seguir não mencionarei as repetidas vezes que apareceram frases escritas nas pedras. W. Weber colocou sobre a mesa uma bússola fechada em vidro, cuja agulha podíamos todos observar, tendo nós as nossas mãos na mesa e unidas às de Slade. Decorridos cinco minutos, começou a agulha a agitar-se violentamente, descrevendo arcos de 40 a 60 graus, até que afinal virou completamente à roda.

Slade nesse momento se levantou e dirigiu-se à janela, esperando que os movimentos da agulha, que eram muito violentos, continuassem, o que

aliás não se deu. Quando, porém, mesmo de pé, ele colocou junto às nossas as suas mãos, os movimentos da agulha recomeçaram, terminando por um movimento de rotação. Com o fim de procedermos a uma experiência com uma harmônica, fenômeno reproduzido em presença de Home (descrito por Crookes e Muggins), um dos meus amigos trouxe, além da campainha, uma harmônica. A campainha foi colocada sob a mesa, como pela manhã, e Slade segurou a harmônica pelo lado sem chaves, de modo que o lado com o teclado caía ao longo da mesa.

Enquanto a mão esquerda de Slade descansava na mesa, a direita segurava a parte superior da harmônica, que não tinha chaves; a harmônica de repente se pôs a tocar e a campainha a soar violentamente por conseguinte sem poder tocar o chão. Nesse ponto Slade deu a harmônica ao professor Scheibner e lhe pediu que a segurasse do modo que ele o tinha feito, sendo possível que em suas mãos ela tocasse sem o contacto de Slade. Apenas Scheibner segurou a harmônica, ela começou a tocar e a campainha a soar exatamente como antes. Animado pelo resultado, Slade renovou as tentativas até então infrutíferas de fazer com que aparecesse escrita numa pedra segura por outra pessoa e em que ele não tocasse. Para esse fim ele passou uma das nossas pedras para o professor Scheibner, pedindo-lhe que a segurasse com a mão esquerda sob a mesa, enquanto ele (Slade) a segurava com a sua direita, firme contra a borda da mesa. Entrementes Scheibner tinha a mão direita e Slade a esquerda sobre a mesa. Depois de esperarem por algum tempo, Slade declarou que sentia um corpo úmido tocar-lhe a mão que segurava a pedra e ao mesmo tempo o professor Scheibner declarou sentir o contacto de um feltro úmido.

Scheibner então retirou a pedra, que se achava bastante umedecida na sua parte superior, tanto no centro como nas extremidades, em um diâmetro de duas ou três polegadas, como também as mãos de Scheibner e as de Slade que tinham sustido a pedra. Enquanto nos admirávamos dos fenômenos da umidade, apareceu uma pequena mão pardo-vermelha sobre a borda da mesa em frente a W. Weber e visível para todos nós, movendo-se com muita vivacidade em todas as direções, desaparecendo ao cabo de dois minutos. O fenômeno repetiu-se por diversas vezes.

Para certificar-me da elevação dos objetos acima do solo, suspendi uma bola de aço de cerca de três quartos de polegada de diâmetro por um

retrós na parte interna de tubo cilíndrico de vidro da altura de um pé e do diâmetro de meio pé. A campainha assim formada foi colocada debaixo da mesa em lugar da outra. Bem depressa começou um alegre tinir de sons claros, produzidos pela bola de aço de encontro ao vidro.

O fenômeno só se poderia reproduzir pela elevação da campainha, livre de todo o contacto. No dia seguinte, 13 de dezembro, Slade propôs que observássemos nós mesmos os movimentos da campainha debaixo da mesa e deste modo nos certificássemos que os movimentos se realizavam sem o contacto da sua parte. Para esse fim sentamo-nos afastados da mesa cerca de um metro. Por meio de velas, colocadas convenientemente, podíamos observar tudo o que se passava embaixo da mesa. A campainha de vidro também foi aí colocada. Algum tempo depois a campainha, sem intervenção alguma de Slade, principiou a mover-se com vivacidade em sentido oblíquo à extremidade inferior, fazendo revolver a bola de aço contra o tubo de vidro. Naquela noite obtivemos escrita numa pedra de fechar, solidamente amarrada por uma corda e sem que pessoa alguma a tocasse. O resultado foi idêntico ao obtido em S. Petersburgo e relatado pelo jornal inglês *The Spiritualist* de 1º de março de 1878, que contém os seguintes parágrafos, sob o título *As Sessões do Dr. Slade com o Grão-Duque Constantino*:

“Na última quarta-feira o Dr. Slade, acompanhado do Sr. Aksakof e do professor Boutlerow, organizou uma sessão em presença do grão-duque Constantino. O duque os recebeu muito amavelmente e depois de alguns minutos de conversação as manifestações começaram com muito ardor. O duque sozinho segurava uma pedra e obteve uma comunicação escrita. O grão-duque anteriormente já revelara interessar-se pelos diversos ramos da ciência. Quando o tenente Maury se viu obrigado a fugir dos Estados Unidos durante a Guerra Civil, o duque reconheceu o valor das suas investigações sobre geografia física dos mares e das correntes oceânicas e por isso o acolheu e o hospedou na Rússia.

O Dr. Slade acha-se muito ocupado em S. Petersburgo e algumas vezes recebeu comunicações por escrito em seis línguas na mesma pedra.”

Os fatos supracitados são confirmados pelo testemunho público do Sr. Aksakof, imperial conselheiro privado:

“Eu, como testemunha, atesto que a escrita foi produzida em uma pedra

que só o grão-duque segurava debaixo da mesa enquanto Slade conservava as mãos sobre a mesa e não tocava na pedra. Slade teve a honra de ser convidado ainda para duas sessões mais pelo grão-duque. Aksakof.”

A experiência supracitada, que se realizou com o grão-duque, nunca a consegui nas minhas sessões, não obstante o Sr. Slade com esse fim e por diversas vezes ter dado a pedra aos professores Weber e Scheibner. Em compensação a que se conseguiu na noite de 13 de dezembro comigo e com W. Weber ainda foi mais extraordinária. Duas pedras foram compradas por mim e marcadas. Amarramo-las juntas, tendo entre elas sido colocado um pedaço de lápis de pedra de cerca de três milímetros de diâmetro; depois as colocamos numa mesa de jogar de nogueira. Enquanto W. Weber, Slade e eu nos achávamos sentados à mesa e preocupados com a experiência da bússola, de repente começou a escrita sem que ninguém tocasse na pedra. Quando nós as separamos se achavam numa delas as seguintes palavras:

“Nós nos achamos dispostos a abençoar todo aquele que se sente inclinado a investigar um assunto tão impopular como é o Espiritismo na atualidade. Porém não será assim para sempre e ele ocupará um lugar proeminente entre...(?) de todas as classes e espécies.”

A pedra tinha a marca H2 previamente colocada por mim. Aqui não se pode alegar prestidigitação ou preparo. Ainda mais: a campanha grande, que se achava colocada debaixo da mesa grande do lado oposto àquela em que me achava, foi colocada vagarosa e silenciosamente na minha mão esquerda que eu mantinha embaixo da mesa.

No lapso de todo esse tempo as mãos de Slade se achavam sobre a mesa e os seus pés para um lado e à nossa vista. Finalmente, o Sr. Slade propôs uma experiência que provasse definitivamente que as pedras não tinham preparação prévia. Ele tomou ao acaso uma pedra, colocou entre as suas folhas um pedaço de lápis do tamanho de uma ervilha, segurou-a metade embaixo da mesa de modo que as suas mãos pudessem ser observadas sempre e me perguntou o que queria que fosse escrito. Respondi-lhe: Littrow, astrônomo. O ruído da escrita imediatamente se fez ouvir e quando Slade retirou a pedra, as duas palavras se achavam distintamente traçadas em letras garrafais e separadas. Se Slade não escreveu as

palavras naquele momento, considerando a posição de suas mãos e a disposição das letras, era impossível também estas palavras terem sido previamente escritas, pois a mim mesmo elas ocorreram inesperadamente. Sexta-feira, 14 de dezembro, das 11:10 às 11:40. Hoje uma das pedras por mim escolhida foi colocada aberta debaixo da mesa com um pedaço de lápis.

Slade tinha as suas mãos sobre a mesa, ligadas às nossas; percebemos ruído de escrita e quando levantamos a pedra achava-se nela a seguinte frase: A verdade suplantarà todo o erro. Em seguida duas bússolas, uma maior e a outra menor, foram colocadas defronte de W. Weber, ambas completamente encerradas em caixas de vidro. Como de costume, tocando-se, colocamos as nossas mãos na mesa.

Repentinamente a agulha da bússola menor oscilou violentamente até assumir um movimento de rotação, enquanto a maior apenas apresentava ligeiros indícios de agitação que pareciam provir de algum abalo da mesa. Uma vez que se achavam forças operando, deixamos de parte a sua origem, que tinha a faculdade de atuar sobre o magnetismo dos corpos. Propus a Slade que fizesse magnetizar permanentemente uma agulha de aço não magnética; ele a princípio hesitou, julgando ser a tentativa impossível.

No entanto acedeu ao meu convite. Apresentei-lhe em seguida um grande número de agulhas de crochê; W. Weber escolheu uma delas e depois de verificar não estar magnetizada, pois ambos os pólos da bússola eram atraídos por ela, entregou-a a Slade, que a colocou numa pedra. Este em seguida pôs a pedra embaixo da mesa como se se preparasse para receber uma comunicação escrita e após, talvez, quatro minutos, sendo de novo a pedra e a agulha depositadas sobre a mesa, se achava esta tão fortemente magnetizada numa das suas extremidades (e só nesta), que limalhas de ferro e agulha de coser se lhe aderiam com facilidade e faziam do mesmo modo a agulha de uma bússola girar totalmente à roda. O pólo desenvolvido foi Sul, pois o pólo Norte da bússola era atraído e o Sul repellido.

Ainda conservo esta agulha comigo, a qual pode ser experimentada a todo e qualquer tempo.

-
- i *Crinolina* – Tecido anteriormente feito de crina e posteriormente de diversas fazendas empregadas na confecção de saias, as quais tinham círculo de aço ou de barba de baleia para dar maior reforço ao vestido. (N.T.)

Capítulo XI

Escrita através de uma mesa. – Uma prova decisiva da escrita em uma lousa, provando a ausência da participação direta de Slade.

O fenômeno físico mais admirável obtido até agora foi sem dúvida o que demonstra a facilidade com que os corpos materiais são penetrados por outros.

Assim, uma folha de papel dobrada, sem denunciar o menor amarrotamento aparente, penetrou através de uma lousa coberta no seu exterior por madeira. Na sessão de 9 de maio, das 11 às 11:15 da manhã, tivemos disto uma prova bastante evidente, isto é, da aparente supressão da lei da impenetrabilidade da matéria. Logo ao sentarmo-nos à mesa começamos a conversar a respeito do poder dos seres invisíveis e inteligentes por cujo concurso a matéria se tornava aparentemente tão penetrável quanto é permeável.

Slade mostrou-se tão admirado quanto eu, dizendo que nunca como agora tinha obtido ocasião de observar o fenômeno com tanta liberalidade. Em seguida tomou duas lousas e me pediu que segurasse uma em cima da mesa, outra embaixo, ambas contra o tabuleiro com a mesma mão.

Colocamos um pedaço de lápis sob a lousa que se achava na mesa. Slade pôs as mãos na mesa e me pediu que colocasse sobre elas a minha mão direita. Apenas assim fiz, ouvi o ruído de escrita. Em seguida as pancadas anunciaram estar concluída a escrita. Retiramos as lousas e

muito naturalmente esperávamos encontrar a escrita na lousa que se achava sobre a mesa, tanto mais que ali estava ainda o lápis, mas imaginem a minha surpresa vendo a comunicação escrita na lousa que se achava *sob a mesa e de encontro a ela*. Nessa lousa se lia o seguinte:

“Não faremos muito esta manhã, desejamos poupar as vossas forças para logo à noite. Precisamos de passividade completa, do contrário não conseguiremos o que pretendemos. A mesa não nos atrapalha absolutamente. Poderíamos escrever assim mais vezes, mas não estais preparados para isso.”

Na noite desse dia realizou-se o surpreendente transporte das argolas de madeira (6 de maio de 1878) da corda do categute para o pé da mesa.

Na noite do dia 7, às 8:30 horas, fomos para o aposento em casa do meu amigo Hoffmann para esse fim preparado; levei algumas lousas, coloquei-as sobre a mesa. Apenas sentado, Slade sonambulizou-se e de cabeça erguida e voz alterada recitou tão bela prece que nunca me esquecerei do efeito que em mim causou não só pela sua beleza como pelo fervor com que foi ela recitada. A prece era uma petição a Deus, rogando-lhe que abençoasse as nossas experiências e que consentisse na feliz conclusão dos nossos trabalhos, para felicidade da humanidade.

Slade como sempre ao acordar moveu a cabeça de um lado para outro e se levantou com um frêmito que lhe sacudiu o corpo todo e antes de abrir os olhos lhe estalaram os músculos do pescoço e maxilares. Do que dissera sonambulizado me garantiu não se lembrar. Os que têm assistido a experiências do magnetizador Hansen devem recordar-se do despertar desses magnetizados. A mesma impressão me deixou Slade ao despertar do seu sono sonambúlico.